



COLÓQUIO DEDICADO A JOSÉ EDUARDO HORTA CORREIA ARQUITECTURA, URBANISMO E PATRIMÓNIO DA ÉPOCA MODERNA

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Auditório 3
4-5 Abril, 2024

LIVRO DE RESUMOS



INSTITUTO
DE HISTÓRIA
DA ARTE



Entrada gratuita sujeita a inscrição prévia através do endereço coloquiohortacorreia@gmail.com

website: <https://hortacorreia-coloquio.weebly.com/>

O IHA é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos

<https://doi.org/10.54499/UIDB/00417/2020> e <https://doi.org/10.54499/UIDP/00417/2020>.

PROGRAMA 4 ABRIL

9:00 RECEPÇÃO DOS PARTICIPANTES

9:30 SESSÃO DE ABERTURA

Luís Baptista, Director da NOVA FCSH

António Branco, Presidente do Conselho Científico FCHS, UAlg

Álvaro Palma de Araújo, Presidente da CMVRSA

Margarida Tavares da Conceição, Apresentação de J. E. Horta Correia

PAINEL 1 MODERADOR Walter Rossa

10:10 Madalena Costa Lima (CEG-UAb; ARTIS-IHA/FLUL; CLEPUL-FLUL)

O problema congreganista (1820-1823): conventos e mosteiros no ocaso do Antigo Regime, a partir da dissertação de licenciatura de José Eduardo Horta Correia

10:30 Joana Cunhal Leal (IHA NOVA FCSH/IN2PAST)

“Um formalismo de conotação culturalista”. Perspectivas de renovação da História da Arte em Horta Correia

10:50 DEBATE

11:10 INTERVALO PARA CAFÉ

PAINEL 2 MODERADORA Cláudia Damasceno Fonseca

11:30 Nuno Senos (IHA NOVA FCSH/IN2PAST)

Arquitectura chã no tempo longuíssimo

11:50 Leonor Ferrão (DA-EA/UE)

Virtualidades e limites da abordagem kubleriana nas historiografias de arquitectura e de design de produto: *hommage* a José Eduardo Horta Correia

12:10 João Vieira Caldas (CITUA, IST/UL)

Um caminho para os novos caminhos da História da Arquitectura Portuguesa da Época Moderna

12:30 DEBATE

13:00 PAUSA PARA ALMOÇO

PAINEL 3 MODERADOR Nuno Senos

14:30 Rui Lobo (DARQ/CES- UC)

O claustro do Colégio do Espírito Santo de Coimbra: uma precoce obra “chã” de Miguel de Arruda.

14:50 Nuno Maia (DARQ- UC)

João Turriano e a recuperação da arquitectura chã

15:10 Miguel Soromenho (MNAA)

Os arquitectos Frias em Leiria: do tardo-classicismo ao estilo chão

15:30 DEBATE

15:50 INTERVALO PARA CAFÉ

PAINEL 4 MODERADORA Mafalda Batista Pacheco

16:10 Hélia Silva (GEO_CML; IHA NOVA FCSH/IN2PAST)

Pedro Massai de Frias e o longo tempo da arquitectura portuguesa do século XVII

16:30 Raquel Seixas (IHA NOVA FCSH/IN2PAST)

O engenheiro Manuel da Maia e as *Casas da Câmara* do Redondo: definição de uma série formal

16:50 DEBATE

MESA REDONDA MODERADORA Raquel Henriques da Silva

17:10 Paulo Ormino de Azevedo (FA-UFBA) | **Renata Araujo** (UAlg / CHAM- NOVA FCSH) | **Walter Rossa** (DARQ/ CHSC - UC)

J.E. Horta Correia: trabalhos de casa

18:00 FECHO

PROGRAMA 5 ABRIL

9:00 RECEÇÃO DOS PARTICIPANTES

PAINEL 5 MODERADORA Andreia Fidalgo

9:30 Pedro Pires (CMCM; CEPAC/UAlg)

Arquitectura de programa em Tavira (1736) e Castro Marim (1740)

9:50 Sandra Romba (Município de Olhão/ Museu Municipal de Olhão; CEAACP/UAlg)

Telhados de Olhão: contributo para o estudo da transformação das coberturas na arquitectura doméstica em contexto urbano

10:10 Marco Sousa Santos (CMT; CEAACP-UC; CEPAC/UAlg)

Dinâmicas artísticas na periferia: pedreiros e canteiros activos em Tavira no século XVIII

10:30 João Cabeleira | Natacha Moutinho | Sílvia Maciel (Lab2-UMinho/IN2PAST)

À procura da imagem da paisagem. Portugal a partir do olhar de viajantes

10:50 DEBATE

11:10 INTERVALO PARA CAFÉ

PAINEL 6 MODERADOR Jorge Correia

11:30 Daniela Nunes Pereira (UCM)

De Estaus a Paço: uma residência manuelina no rossio de Lisboa?

11:50 Ana Sofia Pereira da Silva (CEAU-FAUP) | **Maria Manuel Oliveira** (Lab2-UMinho/IN2PAST)

Beneficiência e instrução: a acção edificatória do arcebispo D. Frei Caetano Brandão na caracterização urbana do Campo dos Touros em Braga

12:10 Maria Helena Barreiros (DAAC-CML)

Fontes teóricas para a habitação pombalina: a casa urbana na tratadística, de Vitruvius a José Manuel de Carvalho e Negreiros

12: 30 DEBATE

13:00 PAUSA PARA ALMOÇO

PAINEL 7 MODERADORA Renata Araujo

14:30 José Simões de Belmont Pessôa (EAU-UFF)

Urbanismo Barroco na Cidade do Rio de Janeiro e na Vila Real da Praia Grande: reflexões a partir da obra de Horta Correia

14:50 Wilmar Souza Junior (FAU-USP)

Oeiras do Piahy, epicentro de rotas e poder

15:10 Marta Oliveira (CEAU-FAUP)

Em volta de Sofala. Traços de paisagem habitada do Sudeste de África. Memória, descrição e imaginação no encontro de culturas (séculos XVI e XVII)

15:30 DEBATE

15:50 INTERVALO PARA CAFÉ

PAINEL 8 MODERADOR João Vieira Caldas

16:10 João Luís Marques (CEAU-FAUP / CEHR-UCP) | **Pedro de Azambuja Varela** (CEAU-FAUP)

Permanência(s) no tempo longo. Terreiro, Cerca e Paço Episcopal de Lamego: evolução e transformação

16:30 Domingos Tavares (CEAU-FAUP)

Uma obra de hoje a pensar no “Estilo Chão”

16:50 DEBATE

CONFERÊNCIA DE FECHO

17:10 Alexandre Alves Costa (CEAU-FAUP)

Sete axiomas e uma pergunta retórica

18:00 FECHO

1.1

O problema congreganista (1820-1823): conventos e mosteiros no ocaso do Antigo Regime, a partir da dissertação de licenciatura de José Eduardo Horta Correia

O primeiro trabalho historiográfico de fôlego de José Eduardo Horta Correia foi publicado pela Universidade de Coimbra em 1974. Nos 50 anos da edição de *Liberalismo e Catolicismo. O problema congreganista (1820-1823)*, proponho dar a conhecer essa monografia, ainda substancialmente ignorada, destacando a sua importância para a História do Património em Portugal. Com o objetivo de assinalar e refletir sobre os contributos dessa dissertação para o campo de estudo citado, anotarei o modo como a tese de licenciatura em História do jovem investigador Horta Correia permitiu abrir caminhos para ajudar a (re) pensar e reequacionar questões significativas no domínio do Património e até mesmo da Teoria do Restauro no país. Neste horizonte, esclarecerei como o tema de que se ocupou e as abundantes fontes históricas que a propósito dele revelou, essencialmente relacionadas com a viabilidade das ordens religiosas e, nessa medida, com os destinos, usos e valores do seu património no declínio do Antigo Regime, atestam o fomento e a afirmação inequívoca da consciência patrimonial em Portugal, anos antes do Liberalismo estar definitivamente instalado no reino.

Madalena Costa Lima (CEG-UAb; ARTIS-IHA/FLUL; CLEPUL-FLUL)

Doutorada em História, especialidade Arte, Património e Teoria do Restauro, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação sobre o património arquitetónico em Portugal no longo século XVIII, financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Participou em diversos projetos de investigação, designadamente como investigadora bolsreira, tendo sido, recentemente, investigadora doutorada contratada no projeto POMBALIA – Para a construção de um corpus pombalino, apoiado pela FCT. É investigadora do ARTIS-IHA/FLUL, do CLEPUL-FLUL e do CEG – Universidade Aberta. Dedicar-se atualmente ao projeto Pombal Global, acolhido pela Universidade de Lisboa e pela Universidade Aberta. Tem proferido comunicações e publicado artigos sobre história do património, ordens religiosas e cultura portuguesa no século XVIII e na transição para o Liberalismo.

1.2

“Um formalismo de conotação culturalista”. Perspectivas de renovação da História da Arte em Horta Correia

Esta comunicação propõe-se revisitar o trabalho de José Eduardo Horta Correia através de uma análise das bases e dos pressupostos teóricos e metodológicos em que assenta a sua proposta de renovação da historiografia da arquitetura expressa em *Arquitetura Portuguesa: Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão* (1991). Considera-se nesta análise o impacto do legado de George Kubler (*The shape of time*), tal como, também, a importância das propostas de Henri Focillon para a maturação da possibilidade de “um novo formalismo” capaz de atualizar e dar sequência às propostas iniciais do formalismo da Escola de Viena. A visão crítica da história da arte que Horta Correia constrói a partir destas referências será ainda considerada no quadro dos desenvolvimentos anteriores da historiografia portuguesa da arquitetura e da afirmação contemporânea da arte [e da arquitetura] como “objeto de civilização”, que José-Augusto França introduz em Portugal com base no pensamento de Pierre Francastel. No cruzamento destas referências, cumprirá sublinhar a autonomia e a originalidade do legado de Horta Correia para a história da arte e da arquitetura entre nós.

Joana Cunhal Leal (IHA NOVA FCSH/IN2PAST)

Professora do Departamento de História da Arte da NOVA FCSH, onde ensina história da arte dos séculos XIX e XX, teoria e metodologia, historiografia e estudos urbanos. Tem um doutoramento sobre arquitetura e políticas urbanas dos séculos XVIII e XIX (2006). O seu trabalho mais recente privilegia

o estudo dos modernismos e as vanguardas históricas ibéricas, também do ponto de vista das circulações. Foi bolsista Fulbright em 2011 no SAIC (Chicago) e do Stone Summer Theory Institute (2010 e 2011). Foi IR de dois projetos financiados pela FCT: “Modernismos do Sul” (2014-2015) e “Modernismos Ibéricos e o imaginário primitivista” (2018-2022). Foi diretora do Instituto de História da Arte da NOVA FCSH entre 2016 e 2022 e integra agora como subdiretora a nova direção eleita para o triênio 2023-2025. É membro da direção da RIHA—The International Association of Research Institutes in the History of Art (desde 2021) e do Conselho Científico do INHA (desde 2023).

PAINEL 2 MODERADORA Cláudia Damasceno Fonseca

2.1

Arquitetura chã no tempo longuíssimo

Proposto por George Kubler em 1972, o conceito de arquitetura chã teve em Horta Correia um dos seus divulgadores mais importantes em Portugal, tanto através do seu magistério como do seu trabalho de investigação. Sobretudo a partir da edição da tradução portuguesa, de 1988 (com nota introdutória do homenageado deste colóquio), o conceito foi rapidamente assimilado pela historiografia portuguesa e mantém-se, hoje, de uso corrente, e até mesmo obrigatório.

O termo constitui, indubitavelmente, uma mais valia para a análise da história da arquitetura portuguesa, tornando mesmo possível a inclusão nela de edifícios maiores (como as catedrais de Miranda do Douro, Leiria e Portalegre) antes tratados com desconforto ou mesmo deixados na sombra das narrativas dominantes. Contudo, a sua utilização não tem sido isenta de problemas ou de implicações pelo menos passíveis de discussão. Aplicada a formas arquitectónicas distintas (e por vezes muito distintas), a noção torna-se difícil de definir e a sua utilidade pode (e já foi) mesmo ser questionada.

Nesta comunicação serão mapeados os usos historiográficos da expressão arquitetura chã bem como alguns dos problemas que eles levantam sendo, como resultado, disponibilizada para discussão uma proposta de entendimento operativa.

Nuno Senos (IHA NOVA FCSH/IN2PAST)

Professor de História da Arte e da Arquitectura na NOVA FCSH, onde é coordenador executivo do respectivo departamento; é também investigador integrado do Instituto de História da Arte da mesma universidade. Tendo-se doutorado pelo Institute of Fine Arts, New York University, os seus interesses de investigação e ensino estendem-se da arquitectura dos séculos XV e XVI em Portugal à arquitectura no Brasil colonial, e ao consumo artístico em Portugal na Idade Moderna. É autor de vários livros e artigos, nomeadamente sobre o Paço Real da Ribeira ou o Paço Ducal de Vila Viçosa. É presentemente co-coordenador de um projecto europeu dedicado à gestão de palácios-museu. Tem também sido consultor no âmbito da intervenção em património arquitectónico histórico.

2.2

Virtualidades e limites da abordagem kubleriana nas historiografias de arquitectura e de design de produto: *hommage* a José Eduardo Horta Correia

O livro de George Kubler (1912-1996) *A forma do tempo* (1962) preserva as notas das obras inaugurais. O texto tem um tempo, o da sua redação, e embora tenha sobrevivido muito para além dele, tem beneficiado de outros contributos metodológicos que concorrem para confirmar a sua pertinência e atualidade. A forma do tempo é um clássico e por isso tem justificado o reconhecimento de sucessivas gerações de leitores, de várias áreas disciplinares. Para além dos conceitos de “cabeça de série” e de “série formal,” Kubler questionou outros que atrapalharam muito a historiografia da arte, como os de “centro” e “periferia.” Kubler não era um formalista qualquer. Porém, a aplicação dos seus conceitos, sem outros contributos metodológicos, revela-se insuficiente para a exegese das obras. José Eduardo

Horta Correia, como historiador e professor, reconhece que as formas persistem, por vezes em tempos estéticos e cronológicos anacronicamente longos, mas reconhece também que os significados mudam, em função do diálogo que estabelecem com o contexto. É tão ou mais importante do que a constatação ou a verificação das semelhanças que as unem. A presente comunicação é um testemunho de gratidão pelo seu ensino, simultaneamente *austero* como o “estilo chão,” e *festivo*, como o barroco, sem privilegiar a erudição ou o vernacularismo, sondando ressonâncias, cruzamentos e contaminações, sem especiarias e diamantes.

Leonor Ferrão (DA-EA/UE)

Professora Catedrática do Departamento de Arquitectura da Escola de Artes, Universidade de Évora. É licenciada em Arquitectura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, mestre e doutora em História da Arte – Especialidade Arquitectura e Urbanismo da Época Moderna pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A dissertação de mestrado – *A Real Obra de Nossa senhora das Necessidades* (1992) – e a tese de doutoramento – *Eugénio dos Santos e Carvalho, Arquitecto e Engenheiro Militar (1711-1760): Cultura e Prática de Arquitectura* (2007) – foram orientadas por Eduardo Horta Correia. Áreas de ensino: história e teoria da Arquitectura e do Design, cognição criativa em Design. Áreas de publicação: história da arquitectura da época moderna e história do design de produto.

2.3

Um caminho para os novos caminhos da História da Arquitectura Portuguesa da Época Moderna

É minha intenção partir de alguns trabalhos historiográficos publicados no século XX que, de alguma forma, tiveram um papel fundador ou transformador da subsequente historiografia da arquitectura, para tentar perceber como é que o magistério de José Eduardo Horta Correia — a “Escola da Nova” — constituiu a verdadeira rótula catalisadora do exórdio de novas, diversificadas e enriquecedoras interpretações da História da Arquitectura Portuguesa da Época Moderna.

Têm um papel central na reflexão ensaística a que me proponho a aplicação do conceito de *maneirismo* à arte portuguesa, na qual se distinguiu J. H. Pais da Silva, e a obra de George Kubler, em particular a que aborda a especificidade da arquitectura do nosso país. O conceito de *maneirismo*, sempre discutível no que se refere à arquitectura, foi inicialmente útil, dado o seu contributo para o início da clarificação da História da Arquitectura Portuguesa da época moderna. A continuidade da sua sistemática aplicação século XXI adentro, pelo contrário, tem-se revelado redutora e improdutiva, sobretudo quando o *maneirismo*, visto como um estilo, é cumulativamente associado a uma cronologia e, neste âmbito, a um tempo longo.

O conceito kubleriano de *arquitectura chã*, ainda que referente a um período bem delimitado da história da arquitectura portuguesa, é inerente a novas propostas metodológicas potencialmente inovadoras de onde o estilo pode ser elidido com vantagem. Se alguma coisa aproxima o conceito de *arquitectura chã* do conceito de *maneirismo* é que nenhum deles se refere a um estilo. Na verdade, ambos os termos designam anti-estilos.

São estes pressupostos e a abertura do campo de percepção da arquitectura e da sua história, suscitada por George Kubler e mediada por Horta Correia, que estão na base das mais vivas e produtivas abordagens da História da Arquitectura Portuguesa da Época Moderna que continuam em aberto no século XXI. Mesmo daqueles autores que se mostram indiferentes à lição de Kubler ou não são tidos como discípulos de Horta Correia.

João Vieira Caldas (CITUA, IST/UL)

Licenciado em Arquitectura (ESBAL, 1977), Mestre em História de Arte (FCSH – UNL, 1988) e Doutor em Arquitectura (IST – UTL, 2007). A sua actividade profissional dividiu-se entre a prática da arquitectura, o ensino, a investigação e a crítica, tendo trabalhado em projectos de intervenção no património construído e participado em diversos inventários e estudos sobre o Património Arquitectónico e Urbano. É Professor Associado Aposentado do Instituto Superior Técnico, onde foi Coordenador do Mestrado Integrado em Arquitectura, onde leccionou, entre outras, disciplinas da área da Teoria e da História da Arquitectura e onde continua a dedicar-se à investigação no quadro do CITUA (Centre for Innovation in Territory, Urbanism and Architecture). Tem predominantemente investigado, publicado artigos e livros, comissariado ou co-comissariado exposições e orientado teses de mestrado e de doutoramento nos domínios do património arquitectónico, da arquitectura moderna portuguesa e da história da arquitectura doméstica (urbana ou rural, erudita e vernácula).

PAINEL 3 MODERADOR Nuno Senos

3.1

O claustro do Colégio do Espírito Santo de Coimbra: uma precoce obra “chã” de Miguel de Arruda

O claustro do Colégio cisterciense do Espírito Santo de Coimbra, na Rua da Sofia, também conhecido como Colégio de São Bernardo, foi edificado entre 1545 e 1549 e resultou, a nosso ver, de um projecto de Miguel de Arruda. Este claustro representou a definição de um modelo alternativo ao vizinho claustro do Colégio da Graça, levantado por Diogo de Castilho entre 1543 e 1548, e que seria a referência para os claustros “castilhanos” dos colégios universitários da cidade, que Horta Correia tipificou num famoso artigo publicado em 1991. Estes caracterizavam-se pelos tramos de arcos emparelhados, apoiados em colunas e entre contrafortes, com varandas de peitoril no primeiro andar, sendo abobadados na galeria térrea e com cobertura de madeira na galeria alta. Pelo contrário, o claustro cisterciense assumia uma composição de arcarias contínuas nos seus alçados, assentes sobre pilares em vez de colunas, e com piso alto fechado, ostentando janelas clássicas minimalistas dotadas de cornijas simples e aventais de pedra, muito parecidas com as que Miguel de Arruda empregaria mais tarde no Mosteiro das Bernardas de Tavira. O capitel dos pilares copiava o capitel dórico do Livro IV de Serlio, que Arruda usaria na Sé de Leiria. É também sabido que Miguel de Arruda era o arquiteto da ordem de Cister por esses mesmos anos, tendo conduzido importantes obras no Mosteiro de Alcobaça, em particular no claustro segundo. Nesta comunicação procuraremos aprofundar a questão da autoria do claustro conimbricense, reforçando, paralelamente, a absoluta novidade do seu conceito, verdadeiro claustro “chão” *avant la lettre*.

Rui Lobo (DARQ/CES- UC)

Professor do Departamento de Arquitectura da FCTUC e investigador do Centro de Estudos Sociais (CES-UC). Fez parte do primeiro grupo de oito arquitectos formados na Universidade de Coimbra, em 1994. Doutorou-se em 2010 com a tese *A Universidade na Cidade. Urbanismo e arquitectura universitários na Península Ibérica da idade média e da primeira idade moderna*. Tem produzido investigação em teoria e história da arquitectura – em particular nos temas da arquitectura universitária, da arquitectura portuguesa e da arquitectura dos jesuítas. É autor de vários livros, capítulos de livros e artigos, publicados em Portugal e no estrangeiro.

Desempenhou vários cargos de gestão académica, entre os quais membro eleito da Assembleia da FCTUC, Vice-diretor do CES-UC, Subdiretor do DARQ e Coordenador do Mestrado Integrado em Arquitectura da FCTUC. É, atualmente, um dos coordenadores do Curso de Doutoramento em Arquitectura da FCTUC. Foi recentemente investigador principal do Projeto Santa Cruz – Reconstituição digital 3D do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1834, financiado pela FCT. Pertence, desde 2017, ao Conselho Editorial da Revista *Monumentos*, publicada pela DGPC.

3.2

João Turriano e a recuperação da arquitectura chã

A presente comunicação centra-se na figura do beneditino João Turriano (1610-1679), professor de matemática da Universidade de Coimbra, engenheiro-mor do reino e arquitecto com atividade entre 1630 e 1678, no âmbito da qual sobressai o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra. Partindo do seu percurso familiar, do qual se destacará a formação incutida pelo seu pai (Leonardo Turriano), e a sua obra arquitectónica militar e religiosa, visa-se discutir o papel de João Turriano na recuperação de uma arquitectura erudita mas simultaneamente despojada – dita “chã” – no período da Restauração. Turriano é considerado um dos mais importantes arquitectos portugueses da sua época. Na Biblioteca Geral da UC, encontram-se os livros que João Turriano herdou de seu pai. Muitos estão sublinhados e anotados pelo próprio, sendo exaustivas as notas nos tratados de Sebastiano Serlio (os III e IV Livros de 1537 e 1540) e de Andrea Palladio (*os Quattro Libri dell'Architettura*, de 1570), que usa como referências no seu trabalho. Por outro lado, a sua formação como engenheiro militar e a sua condição de religioso associaram-se naturalmente a uma arquitectura elementar, de volumes marcados e superfícies lisas, realizada com recursos económicos limitados. Nesta comunicação lançar-se-ão algumas hipóteses interpretativas sobre as atribuições de fortificações e de traçados monásticos onde o seu nome é mencionado, sobre a densidade do seu percurso e sobre as influências que terá recebido. Assim, pretende-se afirmar com maior clareza a importância de Turriano na arquitectura portuguesa e, em particular, na retoma da arquitectura chã.

Nuno Maia (DARQ- UC)

Concluiu o Mestrado Integrado em Arquitectura em 2013 no Departamento de Arquitectura, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. É doutorando no Curso de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. No Mestrado em Arquitectura desenvolveu a tese sobre o tema “Claustros Serlianos em Portugal: 1558 - 1635”. No seguimento desta dissertação, prossegue a investigação e colabora em co-autoria em duas publicações com o Professor Doutor Rui Lobo e o Professor Doutor Vitor Murtinho.

Participou no Encontro Internacional sobre Claustros no Mundo Mediterrânico, organizado pelo Instituto de História de Arte (IHA) da NOVA FCSH e realizado no Museu Nacional de Arte Antiga, em 2013. Desta referência resultou o capítulo “O Claustro Grande do Convento de Cristo em Tomar e os claustros serlianos portugueses”, in *Claustros no Mundo Mediterrânico. Séculos X-XVIII*, coordenado por Giulia Rossi Vairo e Joana Ramôa Melo. Em 2019 colaborou no artigo científico “O Claustro Principal do Convento de Cristo em Tomar. A obra maior de Diogo de Torralva”, publicado pela Revista *Monumentos* nº 37.

Integrado no contexto profissional e ligado à prática projectual de arquitectura no atelier da arquitecta Luísa Bebiano, desenvolve investigação ligada ao património. No decorrer do Projeto de Obras de Conservação, Renovação e Ampliação do Mosteiro de São Salvador de Travanca, em Amarante, desenvolve investigação e trabalho com profissionais de referência da arquitectura e das ciências do património. Tanto no contexto académico, como no campo profissional, desenvolve actividade na prática da investigação na área da Teoria e História da Arquitectura, assim como no âmbito do Património.

3.3

Os arquitectos Frias em Leiria: do tardo-classicismo ao estilo chão

A qualidade arquitectónica da ermida de Nossa Senhora da Encarnação de Leiria pouco tem sido encarecida na historiografia portuguesa, além de uma apreciação elogiosa de George Kubler, que viu ali ecos do Escorial e da Flandres e, indirectamente, a inspiração de Vignola e de Palladio. A construção do edifício, que veio substituir um templo de origem medieval, começou em 1588 e durou até inícios do século XVII, por iniciativa do bispo D. Pedro de Castilho, que custeava, em simultâneo, a máquina de talha do retábulo-mor da Sé. A circunstância de viver em Leiria, nos mesmos anos, o arquitecto régio Teodósio de

Frias sugere a sua ligação às duas empresas episcopais, ambas acusando o domínio de uma desenvolvida linguagem tardo-clássica, alheia à *secura* do estilo-chão, e, no caso da ermida da Encarnação, a atenção à morfologia peculiar de algumas igrejas de peregrinação daquela região, bem evidente na disposição das galilés porticadas que a envolvem. Propõe-se ainda, neste contributo, uma comparação com a obra mais tardia do Santuário de Nossa Senhora da Nazaré, a que esteve de novo ligado Teodósio de Frias, acompanhado aqui por Luís de Frias, seu filho, também arquitecto régio.

Miguel Soromenho (MNAA)

Licenciado em História/Variante História da Arte e Mestre em História da Arte (Universidade Nova de Lisboa). Técnico Superior da Museus e Monumentos de Portugal, EPE, actualmente no quadro do Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), tem desenvolvido investigação na área da história da arte e da arquitectura dos séculos XVI a XVIII, com especial incidência nos períodos filipino e barroco. Foi ainda professor no curso de Mestrado Práticas Culturais nos Municípios da Universidade Nova de Lisboa e conferencista convidado em outros cursos superiores (Universidade de Coimbra, ISCTE). Além da actividade científica e lectiva, dedica-se à animação e à divulgação culturais.

PAINEL 4 MODERADORA Mafalda Batista Pacheco

4.1

Pedro Massai de Frias e o longo tempo da arquitectura portuguesa do século XVII

Filipe I de Portugal (1527-1598) reconhecia a ameaça imposta pela deficiente fortificação de Lisboa, razão pela qual ordenou o reforço do sistema defensivo na entrada do Tejo. Giovanni Vicenzo Casale (c.1539-1593) e Alessandro Massai (...-1638), seu sobrinho, tinham trabalhado para a casa de Habsburgo em Nápoles e ao chegarem a Lisboa por volta de 1589 trouxeram novas técnicas de construção e ideias inovadoras para reforçar a defesa da cidade. Em Fevereiro de 1594, Alessandro Massai casou com Paula, filha de Nicolau de Frias (c.1540-1610), acendendo por esta via à vasta rede de influências e conhecimentos estabelecida pelo arquitecto português. Este casamento constitui, assim, um episódio significativo na história do impacto dos arquitectos e engenheiros italianos e espanhóis na arquitectura portuguesa no tempo da monarquia dual.

Nas primeiras décadas do século XVII, Alessandro dedicou-se à fortificação da costa alentejana, sendo acompanhado por seu filho Pedro nas obras e levantamentos que efectuou. É esta aprendizagem, aliada aos conhecimentos transmitidos por Nicolau de Frias, que levou Leonardo Torriani, engenheiro-mor do reino, a aceitar a nomeação de Pedro Massai de Frias como “engenheiro e arquitecto” nas obras de fortificação de Angola em 1625. Mais tarde, perante a necessidade de reforçar as estruturas defensivas do Estado da Índia, Pedro integrou-se nas operações de defesa de Malaca e da Ilha da Nau por volta de 1629-1635. Nesta comunicação, através da análise do percurso profissional de Pedro Massai de Frias, procuramos compreender como a transmissão de conhecimentos entre técnicos portugueses e italianos teve influência na definição da arquitectura portuguesa do século XVII.

Hélia Silva (GEO_CML/ IHA NOVA FCSH/IN2PAST)

Licenciada em Arquitectura pela Universidade Lusíada no ramo de recuperação (1991), mestre em Arte, Património e Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2005) e doutoranda da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em História da Arte da Idade Moderna. Técnica superior da Câmara Municipal de Lisboa, tem trabalhado na área da investigação, protecção e divulgação do património edificado da cidade. Coordenadora do Gabinete de Estudos Olisiponenses da Direção Municipal de Cultura.

4.2

O engenheiro Manuel da Maia e as Casas da Câmara do Redondo: definição de uma série formal

Embora a emergência dos primeiros paços do concelho em Portugal remonte ao século XIV, foi no século XV que se assistiu ao grande surto construtivo destas casas e, por conseguinte, se iniciou o longo processo da monumentalização do poder local. Esta tipologia arquitectónica surgiu em resposta à necessidade de abrigar, numa mesma casa (geralmente de dois pisos e sob um telhado comum), a sala de audiências, a câmara para vereações e a cadeia para os presos. É justamente esta especificidade que confere a estes edifícios um valor “informativo” e “documental”, na medida em que os insere na teoria do urbanismo político (Robert Tittler).

Com esta comunicação, pretendemos focar essencialmente as valências urbanísticas e arquitectónicas deste tipo de edificações político-administrativas, elegendo como casos de estudo os paços do concelho do Redondo, Vila Viçosa, Borba e Alandroal. Todos localizados no Alentejo.

Em 1752, o monarca D. José incumbiu Manuel da Maia (1677-1768), o futuro engenheiro-mor do reino, de traçar a planta das novas Casas da Câmara da vila do Redondo. Para este projecto, Manuel da Maia inspirou-se nos valores da arquitectura doméstica seiscentista, plasmados na opção pela planta em “U”, nas proporções equilibradas e sóbrias dos volumes arquitectónicos e na prudência pelo emprego dos elementos decorativos, resumidos essencialmente aos símbolos do poder. A estes elementos, somou ainda as antigas reminiscências do alpendre e dos campanários.

Com este edifício, implantado em praça desafogada e centrada por uma fonte, Manuel da Maia deu início a uma série formal (na perspectiva kublariana), repetida continuamente no Alentejo no período pós-terramoto, como demonstraremos no decurso da nossa apresentação. Curiosamente, as Casas da Câmara do Redondo constituíram-se como um possível ensaio para o projecto arquitectónico, inserido no plano urbanístico ideado três anos depois para a Baixa de Lisboa.

Raquel Seixas (IHA NOVA FCSH/IN2PAST)

Licenciada e mestre em História da Arte e investigadora no Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IHA NOVA FCSH / IN2PAST), onde se encontra a realizar o doutoramento. O seu percurso académico tem privilegiado o estudo da arquitectura edificada no decorrer do século XVIII em Portugal e no Brasil, assim como as relações teóricas e historiográficas desenvolvidas em torno do Barroco, contando com alguns artigos científicos publicados sobre estas temáticas. Presentemente é investigadora no projecto *Olisipógrafos – os cronistas de Lisboa*, desafio que lhe tem permitido alargar o campo de reflexão à historiografia da cidade de Lisboa. Em paralelo à actividade de investigação, tem desenvolvido trabalhos na área da museologia e da gestão e dinamização patrimonial.

PAINEL 5 MODERADORA Andreia Fidalgo

5.1

Arquitectura de programa em Tavira (1736) e Castro Marim (1740)

Na primeira metade do século XVIII, foram promovidos no Algarve pelo menos dois projectos de arquitectura de programa, cerca de quatro décadas antes da refundação da Vila Real de Santo António de Arenilha. Em Outubro de 1736, o pedreiro Domingos da Silva ajustou com o Doutor António José Cabral a construção de cinquenta casas na parte ocidental da cidade de Tavira; e em Março de 1740, o armador de xávegas e proprietário de salinas, Domingos Martins Mascarenhas, lavrou com o oficial de alvanéu Domingos Gonçalves galego, uma escritura de obrigação para a construção de dez moradas de casas na vila raiana de

Castro Marim, com a repetição do mesmo modelo de habitação.

Ao contrário de outras iniciativas de arquitectura de programa desenvolvidas na região, estes empreendimentos não são de iniciativa régia, mas nascem da vontade de particulares. Os casos de Tavira e de Castro Marim, que nos propomos a estudar, enquadraram-se num período de prosperidade económica para a província graças ao impulso da pesca, que levou a um aumento demográfico e à consequente demanda por habitações, uma conjuntura favorável que abriu caminho para investimentos como os mencionados. Este tipo de empreendimentos pode ter sido mais comum do que à partida se podia supor, com a probabilidade de existirem mais, numa altura de maior prosperidade económica e crescimento populacional na região algarvia.

Pedro Pires (CMCM; CEPAC/UAAlg)

Natural de Castro Marim (1984), é licenciado em Património Cultural (2009) e mestre em História e Patrimónios - Variante História da Arte (2021), ambos pela Universidade do Algarve, e pós-graduado em Património Cultural Imaterial pela Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias (2012). Actualmente, frequenta o curso de doutoramento em Estudos de Património na Universidade do Algarve.

É autor de vários artigos e conferências sobre história e património da região. No presente, desempenha funções de Técnico Superior de Património Cultural na Unidade Técnica de Cultura e Património da Câmara Municipal de Castro Marim e é membro do Centro de Estudos em Património, Paisagem e Construção da Universidade do Algarve (CEPAC/UAAlg).

5.2

Telhados de Olhão: contributo para o estudo da transformação das coberturas na arquitectura doméstica em contexto urbano

Com a presente comunicação, pretende-se iniciar o registo e a caracterização preliminar do processo de transformação das coberturas na arquitectura doméstica situada na área delimitada no Plano de Pormenor da Zona Histórica da Cidade de Olhão em época contemporânea.

Em termos metodológicos, este estudo compreende a leitura e a interpretação de bibliografia enquadrada no tema da arquitectura tradicional algarvia, a pesquisa e análise de documentação e espólios fotográficos do Arquivo Municipal de Olhão e de arquivos nacionais, a análise de cartografia histórica e o trabalho de campo de levantamento fotográfico e de registo de testemunhos orais.

Numa perspetiva diacrónica, esse levantamento prévio e interpretação de informação em relação às coberturas tem permitido esboçar também o próprio processo de transformação da arquitectura doméstica em Olhão, em particular no que diz respeito a duas situações. A primeira, que decorre ao longo do século XIX, onde se observa a preponderância de habitações com uma multiplicidade de tipos de cobertura telhada em contraposição com um menor número de habitações com coberturas planas. A segunda, que decorre durante a primeira metade do século XX, onde se verifica o predomínio de habitações com cobertura plana nas suas variadas tipologias.

O estudo recai sobretudo sobre a primeira situação, a qual está menos investigada. A análise desses momentos alicerçada em factos históricos, sociais e económicos, complementados com a interpretação de alguns casos de estudo, pretende contribuir para o entendimento dos períodos de transformação da arquitectura doméstica em contexto urbano.

Sandra Romba (Município de Olhão / Museu Municipal de Olhão; CEAACP/UAAlg)

Licenciada em Estudos Portugueses em 2002, Mestre em História da Arte em 2008 e no presente doutoranda em Estudos de Património na Universidade do Algarve. Técnica Superior do Museu Municipal de Olhão onde concebe e implementa um conjunto de projectos relacionados com mediação cultural, investigação, valorização do património material e imaterial. Formadora certificada pelo Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua.

5.3

Dinâmicas artísticas na periferia: pedreiros e canteiros activos em Tavira no século XVIII

O estudo que nos propomos apresentar centra-se naquilo que foi a atividade dos pedreiros e canteiros que viveram e laboraram no termo de Tavira (Algarve) durante o século XVIII, o que implica procurar dar resposta a questões tão fundamentais como: quem eram estes indivíduos, quantos eram, de onde vinham, que obras assumiram, em que termos e de que modo as executaram e que ligações terão estabelecido entre si e com a comunidade em geral? Para além de compilar dados relativos às relações pessoais e profissionais de mais de uma centena de pedreiros e canteiros com atividade documentada no termo de Tavira durante o século XVIII, este estudo traz à luz novas informações a respeito da fundação de imóveis tão emblemáticos como a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, o Quartel da Atalaia ou o Palácio dos Governadores do Reino do Algarve, apenas para citar alguns exemplos, e também sobre a renovação geral do tecido urbano operada na cidade algarvia em contexto setecentista (sobretudo após o terramoto de 1755). Quase exclusivamente baseado em informação inédita, este trabalho surge no seguimento da publicação de outros estudos dedicados aos profissionais da construção activos noutros núcleos urbanos algarvios (Loulé, Faro e Lagoa) em cronologia setecentista, inserindo-se num projecto mais abrangente que, a médio e longo prazo, visa o estudo das dinâmicas ligadas à atividade construtiva e dos respetivos protagonistas no Algarve da Época Moderna (séculos XVI, XVII e XVIII).

Marco Sousa Santos (CMT; CEAACP-UC; CEPAC/UAAlg)

Licenciado em Património Cultural e mestre em História da Arte pela Universidade do Algarve (UAAlg). Frequenta atualmente o curso de doutoramento em História da Arte na Universidade de Coimbra (UC). É membro do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra (CEAACP-UC) e do Centro de Estudos em Património, Paisagem e Construção da Universidade do Algarve (CEPAC/UAAlg). Foi um dos vencedores da 1ª edição do Prémio Nacional de Ensaio Histórico António Rosa Mendes (2015), em 2017 venceu a 2ª edição do mesmo Prémio e, mais recentemente, venceu a 1ª edição (2019) do Prémio Ensaio Histórico da União de Freguesias de Faro. É autor de livros e artigos (publicados em revistas nacionais e internacionais) que versam sobretudo temas relacionados com a arquitectura religiosa portuguesa da época moderna e com a história e património da região algarvia. Desde 2023 desempenha funções como Técnico Superior do Município de Tavira.

5.4

À procura da imagem da paisagem. Portugal a partir do olhar de viajantes

A proposta de comunicação sintetiza resultados de investigação realizada no Lab2PT, que toma a iconografia, dos séculos XVI a XIX, produzida por ocasião de viagem como mote para o estudo da paisagem portuguesa. Na linha dos resultados alcançados, nomeadamente através da análise das *vedute* delineadas por Pier Maria Baldi e a *Relazione ufficiale* redigida por Lorenzo Magalotti, aquando do périplo europeu de Cosimo III de Médici (1668-1669) e sua passagem por Portugal, a investigação em curso amplia essa visão da paisagem integrando registos gráficos produzidos por outros viajantes estrangeiros em território nacional.

No projecto em curso agregam-se saberes e metodologias dos domínios disciplinares do Desenho, da Arquitectura e da Paisagem que, na ampliação do acervo narrativo-visual, dilatam estratos temporais, físicos e imagéticos dos lugares percorridos. A partir da identificação de fontes documentais, o acervo reunido é organizado e mapeado, permitindo analisar a iconografia gerada por cada viajante/desenhador. Explorando o contributo de cada agente na sedimentação da imagem e consciência da paisagem, ensaiam-se hipóteses para o seu reconhecimento, cruzando registos escritos e iconográficos, numa metodologia de especulação gráfica. Propomos a identificação de chaves para a leitura da paisagem, entre a sua ideia e a sua materialização imagética. Uma leitura que, compreendendo variáveis

e permanências dos lugares, reconhece ressonâncias gráficas e conceptuais do olhar, da representação e da sua consciencialização.

João Cabeleira | Natacha Moutinho | Sílvia Maciel (Lab2-UMinho/IN2PAST)

Professor Associado na Escola de Arquitectura, Arte e Design da Universidade do Minho e investigador do Lab2PT e IN2PAST, coordenando UC's de representação gráfica e cultura arquitectónica. Licenciado em Arquitectura, mestre em Património Arquitectónico e doutor em Cultura Arquitectónica tendo debatido arquitecturas imaginárias, cruzando arquitectura, óptica e perspectiva. A investigação em curso sobre registos de viagens analisa ferramentas de representação e visualização do ambiente construído que amplifiquem a compreensão estratigráfica dos lugares.

Natacha Antão Moutinho é pintora, investigadora integrada no Lab2PT (Laboratório de Paisagens, Património e Território) e professora desde 2006 na Escola de Arquitectura, Arte e Design da Universidade do Minho (UM), Braga e Guimarães. Concluiu o doutoramento em 2016, em Artes Plásticas – especialidade Desenho, na FBA Universidade de Lisboa, sobre a disciplina “A cor no processo criativo” – uma investigação sobre o espaço da cor no projecto de arquitectura. Os seus interesses mais recentes centram-se nas práticas de investigação através da caminhada, que resultam da sua participação como professora na Licenciatura em Artes Visuais da UM.

Sílvia Maciel é Arqueóloga, bolseira de investigação científica no projeto de Investigação “Narrativas Visuais – viagem e imagem da paisagem portuguesa” do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT). Licenciada e mestre em Arqueologia, tem vindo a desenvolver trabalho e competências em Sistemas de Informação e Tecnologias de Investigação Geoespacial aplicadas a Paisagens Históricas e Arqueológicas.

PAINEL 6 MODERADOR Jorge Correia

6.1

De Estaus a Paço: uma residência manuelina no rossio de Lisboa?

Esta proposta de comunicação versa sobre os Estaus, um proeminente edifício construído no rossio de Lisboa, durante a primeira metade do século XV, para hospedar a corte, embaixadores e outras figuras ilustres que visitavam a cidade. Apesar de terem sido realizados vários estudos em torno deste edifício desaparecido nenhum deles aprofundou as obras de renovação que ocorreram durante o reinado de D. Manuel, entre os anos 1516 e 1521. Através da análise de dezasseis documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, esta comunicação visa reinterpretar os Estaus, estimulando reflexões sobre o seu papel e significado no período manuelino. Antes do início das obras, o rei D. Manuel planeava cuidadosamente as reformas que deveriam ser levadas a cabo. A transformação de espaços em áreas mais privadas e confortáveis, juntamente com a renovação de elementos arquitectónicos, tais como ameias, torres e chaminés, sugere a hipótese de os Estaus terem sido convertidos numa residência régia.

Daniela Nunes Pereira (Universidad Complutense de Madrid)

Daniela Sofia Nunes Pereira (1981) é investigadora contratada Juan de la Cierva na área de História da Cidade na Universidade Complutense de Madrid, posição que ocupa desde Janeiro de 2023. É licenciada em Património Cultural (2006) e tem um mestrado em História da Arte (2012), ambas formações obtidas na Universidade do Algarve. Em 2021 concluiu o doutoramento em História na Universidade de Évora. No ano seguinte, obteve do Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa uma bolsa de pós-doutoramento, no âmbito da qual se desenvolveu a investigação que se propõe apresentar neste colóquio.

6.2

Beneficência e instrução: a acção edificatória do arcebispo D. Frei Caetano Brandão na caracterização urbana do Campo dos Touros em Braga

Esta comunicação propõe uma leitura sobre a transformação operada pela acção de D. Frei Caetano Brandão (monge franciscano da Ordem Terceira Regular da Penitência a partir de

1758 e arcebispo de Braga entre 1790 e 1805) no perímetro edificado do Campo dos Touros, em Braga. Enunciando uma mudança de paradigma na condução do arcebispado, até então imbuída de um sentido de representação palaciana visivelmente exacerbado pelos príncipes seus antecessores, D. José de Bragança e D. Gaspar de Bragança, Frei Caetano Brandão impulsionou a sua prelatura em favor da beneficência e da instrução popular, enquanto pilares de um humanismo católico contaminado por ideais iluministas.

Também a actividade edificatória que desenvolveu foi substancialmente orientada nessa perspectiva, tendo instalado no Campo dos Touros dois hospitais para velhos nas casas da família dos arcebispos precedentes e construído um seminário para órfãos, parte deste último ainda hoje reconhecível na atual Praça do Município. Esta mutação ideológica e pastoral assinala também a chegada de uma nova sintaxe arquitectónica, de transição, à praça, à época caracterizada através de uma escala monumental identificável no contexto barroco, recente e apologeticamente afirmada nesse Campo.

A partir da análise, cruzamento e interpretação da documentação manuscrita e iconográfica dispersa por vários arquivos, apresentar-se-á a reconstituição gráfica da implantação e dos alçados do Seminário dos Meninos Órfãos e Expostos de S. Caetano, lendo-a no seu impacto contemporâneo e no posterior desenvolvimento urbano do Campo dos Touros e envolvente extramuros.

Ana Sofia Pereira da Silva (CEAU-FAUP) | **Maria Manuel Oliveira** (Lab2-UMinho/IN2PAST)

Ana Sofia Pereira da Silva: Arquitecta pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2004), doutorada pela Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade Politécnica de Madrid (2012), é investigadora do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Universidade do Porto (desde 2012). Colaborou nos escritórios dos arquitectos Inês Lobo (2003) e José Manuel Soares (2004-2006). Iniciou a sua prática arquitectónica em 2007. Foi professora auxiliar convidada na FAUP (de 2012 a 2023) e na Escola de Arquitectura, Arte e Design da Universidade do Minho (2023-2024). Maria Manuel Oliveira: Arquitecta pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1985) é investigadora no Lab2PT e, desde 1997, docente na Escola de Arquitectura, Arte e Design da Universidade do Minho, onde desenvolve projectos de arquitectura e desenho urbano no âmbito do seu centro de estudos. Actualmente, os seus interesses de investigação centram-se na pesquisa e intervenção sobre espaços e edifícios citadinos abandonados ou em deterioração, cujo contexto seja crítico para a construção da memória urbana.

6.3

Fontes teóricas para a habitação pombalina: a casa urbana na tratadística, de Vitruvius a José Manuel de Carvalho e Negreiros

A reflexão teórica sobre a arquitectura, refundada no *Quattrocento* por Alberti sobre o texto vitruviano, considerou a casa urbana como tema desde a sua origem. No mundo romano, a habitação citadina manifesta-se na prática, como na teoria, através dos seus dois tipos fundamentais, uni e multifamiliar, referenciados respectivamente pelos termos latinos *domus* e *insula*.

No tratado de Alberti (*De re edificatoria*, 1452), a habitação unifamiliar é dominante enquanto quadro material e de representação onde se desenrola a vida do príncipe. O tema da habitação para os estratos sociais intermédios urbanos surge na tratadística europeia cerca de um século depois, com *I sette libri dell' architettura* de Sebastiano Serlio. O autor discorre sobre a casa para *tutti il gradi degli uomini* no seu Livro VI, escrito por volta de 1545. Apesar de permanecer em versão manuscrita até ao século XX, esta secção do tratado de Serlio circulou entre os seus contemporâneos e sucessores (Hart e Hicks, 2001).

O mote lançado por Serlio no Livro VI seria depois retomado pela literatura arquitectónica francesa até ao século XVIII (Mignot, 2004), tendo Pierre Le Muet por cabeça de série (*Manière de bâtir pour toutes les sortes de personnes*, 1623). Seguir-se-lhe-ão outros textos, entre os quais *Architecture moderne ou l'art de bien bâtir pour toutes sortes de personnes* (1728), atribuído a Charles-Étienne Briseux, um dos autores presentes na biblioteca parti-

cular de Eugénio dos Santos, engenheiro e arquiteto da reconstrução pombalina de Lisboa (Ferrão, 2007).

A teorização sobre a habitação para todos, classe média incluída, conta com um interessante contributo português inserido numa obra de âmbito mais lato que permanece inédita. Intitulada *Jornada pelo Tejo devida em doze dias (...)*, deve-se justamente a um filho de Eugénio dos Santos e Carvalho. Engenheiro militar como o pai, José Manuel de Carvalho e Negreiros (1751-1815) dedica esta sua *Jornada* ao futuro rei D. João VI em 1792, num documento esclarecedor no que respeita ao estado da cultura arquitectónica no reino, particularmente no que respeita ao tema que elegemos: a habitação equacionada “para todas as classes de pessoas”, no quadro da Lisboa pombalina.

Maria Helena Barreiros (DAAC-CML)

Historiadora de arte pela Universidade Nova de Lisboa, mestre em Conservação do Património Arquitectónico pela Universidade Católica de Lovaina e pós-graduada em Arquitectura, Território e Memória pela Universidade de Coimbra.

Exerceu funções técnicas e de coordenação na extinta Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e de docência na área de história da arquitectura no Departamento de Arquitectura da Universidade Autónoma de Lisboa. Integra actualmente o corpo técnico do Departamento de Ambiente e Alterações Climáticas da Câmara Municipal de Lisboa, depois de uma extensa carreira ao serviço do pelouro do Urbanismo da cidade. É autora de diversos trabalhos publicados, designadamente sobre a história da arquitectura e do urbanismo de Lisboa. Fez parte da direcção da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte, é membro da EAHN – European Architectural History Network e da organização ambiental Zero - Sistema Terrestre Sustentável.

PAINEL 7 MODERADORA Renata Araujo

7.1

Urbanismo Barroco na Cidade do Rio de Janeiro e na Vila Real da Praia Grande: reflexões a partir da obra de Horta Correia

O que se pretende enunciar aqui é a identificação daqueles elementos que no âmbito da experiência urbanística portuguesa irão configurar a ideia de um urbanismo barroco no império brigantino. José Eduardo Horta Correia propõe, a partir das experiências europeias desenvolvidas nos séculos XVII e XVIII, duas visões de espaço urbano barroco. A primeira utilizando os recursos adquiridos pelo conhecimento da perspectiva, mas com a intenção de gerar dramaticidade ao percurso urbano por meio da implantação de igreja ou palácio enfatizados por acessos geradores de paisagens visualmente dinâmicas, e a segunda resultante de planos originados pela ideia de cidade ideal e pela experiência na construção das cidades americanas.

No Brasil a atividade de arruadores e engenheiros militares na construção de um urbanismo regulado, adequando os traçados às características dos sítios criou um urbanismo barroco caracterizado sobretudo pela dinâmica da implantação, e menos pela escala e linguagem da arquitetura, de resto muito singela na maioria das cidades da América Portuguesa. Ao invés de urbanismo barroco português na América talvez seja mais apropriado falar em paisagem urbana barroca das cidades brasileiras nos séculos XVIII e XIX. O Rio de Janeiro e a Vila Real da Praia Grande são exemplos disso.

José Simões de Belmont Pessôa (EAU-UFF)

Arquiteto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1982), especialização em Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios, UFBA (1984), doutorado em Pianificazione Territoriale - Istituto Universitario Di Architettura di Venezia (1992). Professor Titular da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Vice-Presidente da Fundação Oscar Niemeyer. Membro do Conselho Executivo e Científico do

portal interativo HPIP - Heritage of Portuguese Influence, que integra o projeto Património de Origem Portuguesa no Mundo - Arquitetura e Urbanismo da Fundação Calouste Gulbenkian. Cientista do Nosso Estado/FAPERJ desde Janeiro de 2018.

7.2

Oeiras do Piauí, epicentro de rotas e poder

Oeiras, cidade localizada no Piauí, estado do Brasil, é daquelas paisagens que o tempo celebra vigorosamente. Centralidade iniciada no final do século XVII, como sendo a primeira nucleação urbana daquele território, a freguesia de Nossa Senhora das Vitórias (hoje, Oeiras) eleva-se, em 1712, a Vila da Mocha, nome alusivo ao riacho ali situado. Na imagem de roldana macro territorial, a Mocha assume o desígnio de ser rota de caminhos, de pujança de acontecimentos, das marcas das boiadas e dos agentes em disputas de uma sociedade colonial que busca reforçar sua identidade. Por seu caráter híbrido e de transfronteiricidade, a Vila, em 1759, passa ao título de capital da recém criada capitania de São José do Piauí. No ano de 1761, designa-se cidade de Oeiras, em referência ao Conde de Oeiras, notadamente conhecido como Marquês de Pombal. Oeiras, portanto, assume reforço na imagem de centro da capitania à província do Piauí, mas ao mesmo tempo desponta ruptura, ao ser descontinuada de seu título de capital, em 1852. Teresina, que assume tal posto, surge buscando se desprender do passado colonial, o que na prática não se efetiva. Muito do que era a antiga capital ainda vai se reverberar na nova cidade, seja em seus edifícios ou nas relações sociais. A presente comunicação busca situar as temporalidades das paisagens (em sentidos múltiplos) de Oeiras, entre o período colonial e imperial, compreendendo suas lógicas urbanas, sociais, naturais e de inter-regiões. Um dos objetivos é analisar a sua tessitura urbana que delinea jogos de poder.

Wilmar Souza Junior (FAU-USP)

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo na área de concentração História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo com pesquisa vinculada ao Projeto Jovem Pesquisador 2 da FAPESP *Barroco-Açu. A América Portuguesa na Geografia Artística do Sul Global*, coordenado pela Profa. Dra Renata Maria de Almeida Martins (FAU-USP). Na FAU-USP, tem orientação da Profa. Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente é colaborador no grupo Historicidades: Cultura Arquitetônica e Urbana no Brasil da mesma Universidade, dentro da linha de pesquisa Cidade, Paisagem e Sociedade. É monitor em disciplina de graduação da FAU USP. Durante a graduação desenvolveu dois projetos de Iniciação Científica entre 2018 a 2021, sendo um deles com fomento do CNPq; participou também de monitoria. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nos temas: patrimônio cultural, memória urbana, história da arquitetura e do urbanismo, história do Piauí e de Teresina, com assuntos relativos a preservação desses locais.

7.3

Em volta de Sofala. Traços de paisagem habitada do Sudeste de África. Memória, descrição e imaginação no encontro de culturas (séculos XVI e XVII)

Escritos portugueses dos séculos XVI e XVII (documentos oficiais, cartas e crônicas, diários de bordo e relatos de acontecimentos sucedidos na navegação da Carreira da Índia) contêm, entretencidos nos assuntos principais a que se referem, apontamentos acerca da paisagem habitada da região de Sofala, e primeiras impressões sobre o Sudeste de África. Tratam do habitat e do encontro entre povos indígenas e grupos sociais alóctones que aí tomavam assento, a partir da orla marítima, para trato comercial e exploração de recursos, eventualmente chamando a si funções de administração e governo mais alargadas, numa co-presença negociada, ou imposta por conquista e sustida pela força militar, num contexto de relações, no Oceano Índico e Mar Arábico, e do surgimento da presença europeia.

Nos textos e cronologia que consideramos, a memória daqueles territórios surge como um conceito expansivo. Denota a aprendizagem de uma paisagem e de formas de a habitar; tanto, quanto representa uma figura da imaginação, através da emoção, da vivência e de um conhecimento moldado na passagem de mão das narrativas, pelo sentido imprimido na sua transmissão.

Entre a diversidade das inúmeras pequenas notas de descrição que seria possível coligir, aferidas pelo concurso de iconografia de séculos subsequentes, interrogada regressivamente, propomos reter elementos que permitam formar uma ideia acerca de certos lugares habitados de terra e mar, arquipélagos de comunidades diversas e miscigenadas, e relevar alguns sinais e modos de encontro de culturas (indígenas, suaíli, islâmica e persa, hindu e europeias).

Marta Oliveira (CEAU-FAUP)

Professora Associada Jubilada, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP); investigadora do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (CEAU-FAUP). Doutora em Arquitectura pela Universidade do Porto; Arquitecta pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Directora do Programa de Doutoramento em Arquitectura (PDA) (2017-2023); foi responsável pelos Seminários de Projecto de Tese, da Opção de Estudos B: “Arquitectura: Teoria Projeto História”, e pela coordenação da referida Opção de Estudos B (2009-2023), e bem assim do homónimo grupo de investigação (CEAU). Foi docente e leccionou História da Arquitectura Portuguesa (1994-2023), e Teoria de Reconversão da Construção, no âmbito da formação de grau em Arquitectura; no Curso de Estudos Avançados em Património Arquitectónico, leccionou Teoria e História da Reabilitação Arquitectónica. Desenvolve atividade de investigação em relação com projectos de investigação e prossegue a supervisão de teses de doutoramento e dissertações de mestrado.

PAINEL 8 MODERADOR João Vieira Caldas

8.1

Permanência(s) no tempo longo. Terreiro, Cerca e Paço Episcopal de Lamego: evolução e transformação

Se a excepcionalidade da colecção do Museu de Lamego desde cedo despertou a curiosidade de historiadores da arte e críticos, como Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia, Alfredo Guimarães e Reynaldo dos Santos, entre outros, o paço barroco que a acolhe não teve a mesma sorte.

A elaboração de conteúdos para o projecto expositivo em torno da transformação “De Paço a Museu” (em curso) é ponto de partida para a presente proposta de comunicação, que incide na história do tempo longo da arquitectura e urbanismo do Terreiro, Cerca e Paço Episcopal lamecenses.

A recolha e estudo de fontes escritas e desenhadas, dos séculos XVI ao XXI, e as valiosas fotografias do final do século XIX e princípio de XX, permitem-nos clarificar o processo de transformação da paisagem urbana e do paço, da afirmação de um centro religioso e cultural construído e reconstruído “à imagem do seu tempo”, graças ao entendimento e acção mecenática continuada de bispos de diferentes períodos da história, tais como, D. Fernando de Menezes (1513-1540), D. Manuel de Noronha (1551-1569), D. Luís de Sousa (1671-1677), D. Manuel Vasconcelos Pereira (1773-1786) e D. Francisco José Ribeiro Vieira de Brito (1901-1922).

A comunicação procurará evidenciar o modo como o desenho e a modelação digital se revelam verdadeiras ferramentas de suporte à investigação contemporânea no campo da História. Neste caso, evidenciando a, ainda presente, matriz de composição urbana moderna bem anterior ao tempo da tão celebrada reforma barroca do edifício e da cidade.

João Luís Marques (CEAU-FAUP / CEHR-UCP) | **Pedro de Azambuja Varela** (CEAU-FAUP)

João Luís Marques nasceu em Baden em 1981 e licenciou-se em Arquitectura em 2006 pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Em 2017 obteve o grau de Doutor em Arquitectura – Teoria, Projecto, História pela mesma FAUP com a tese *A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975*. Foi assistente convidado de História da Arquitectura Portuguesa, do Mlarq-FAUP, entre 2013 e 2015 e é professor convidado da mesma unidade curricular, desde 2017. Em 2013 integrou o Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, colaborando também em projectos de investigação desenvolvidos pelo Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, desde 2015.

Pedro de Azambuja Varela nasceu em Lisboa em 1982 e licenciou-se em Arquitectura em 2006 na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Em 2020 defendeu a sua tese de Doutoramento na FAUP com o título *Reconstrução de uma estereotomia - para uma abordagem estereotómica multi-semântica*. Colabora com o Laboratório de Fabricação Digital da FAUP desde a sua fundação em 2013, onde tem publicado artigos em conferências internacionais no âmbito da fabricação digital e estereotomia.

8.2

Uma obra de hoje a pensar no “Estilo Chão”

Uma nova geração se perfila para trabalhar a cidade e os seus valores. Existe uma estreita relação entre a evolução das ideias arquitectónicas e as circunstâncias culturais dominantes que as determinam, seja no sentido da repetição passiva dos valores enraizados no instinto das relações humanas específicas de cada grupo ou entidade social, quer agindo criticamente no ajuste necessário como resposta à constante transformação da vida. Pensando nas diferentes valias assumidas pelos actores dos processos de construção da cidade, a começar pelos criadores do habitat urbano, especialistas com o encargo de dar corpo aos valores da cultura estratificada expressa no exercício dos poderes para assumir os valores da cultura transformada, os criadores da forma recorrem ao uso da invenção e do desenho, no sentido de pensar o futuro de cada presente. Tomamos como exemplo, a obra singular do Terminal Intermodal de Campanhã, no Porto. Inaugurado em 2022, a obra do arquitecto Nuno Brandão Costa expressa valores de eficácia e inteligência na descoberta dos sinais do território concreto da intervenção construtiva. Atenta às práticas edificatórias actuais, responde a um programa de usos bem definido. Configura a ideia de acrescentar conforto aos seus utentes e beleza discreta na nova composição do lugar.

Pode representar um novo tempo para a arquitectura “chã”, marcado pelo sentido estrutural, lógica geométrica de composição e sobriedade das formas. O termo criado por George Kubler para enquadrar a arquitectura portuguesa do século XVII no contexto da arquitectura clássica europeia, definia essa corrente pela clareza estrutural, ordem e proporção, recorrendo à lógica geométrica de composição e ausência de feitiços. Em certo sentido, repete-se a permanência do pensamento clássico e o saber da tradição construtiva, constituindo o cerne de uma proposta formal para um programa de edifício complexo representativo da vida hodierna, estabelecendo a transição entre o passeio público e a via rápida do trânsito automóvel.

Domingos Tavares (CEAU-FAUP)

Professor Catedrático Jubilado da FAUP, é membro do Conselho Consultivo do Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho e Professor Convidado do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra. A sua área privilegiada de investigação é a Teoria do Projecto Arquitectónico. No conjunto das suas obras arquitectónicas podem destacar-se projectos de habitações individuais para Ovar (1967-1977), o Lar de Santiago, da Misericórdia de Viana do Castelo (1977-1982), um conjunto habitacional em Esmoriz (1989-1992), o edifício da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto (1997), em colaboração com José Quintão e Lúcio Parente (do Centro de Estudos da FAUP); e, ainda, a Biblioteca da Escola de Engenharia, do Instituto Politécnico de Coimbra. É autor de várias publicações sobre arquitectura, como: *Da rua Formosa à Firmeza* (ES-BAP, 1985), *Miguel Ângelo: a aprendizagem da Arquitetura* (FAUP, 2002), e da coleção “Sebentas de História da Arquitectura Moderna”, editada pela Dafne (2003-2009).

ORGANIZAÇÃO

Universidade Nova de Lisboa (IHA NOVA FCSH / IN2PAST)

Universidade do Algarve (FCHS)

Apoio: **Câmara Municipal de Vila Real de Santo António**

COMISSÃO DE HONRA

Alexandre Alves Costa, FAUP

António Lamas, IST-UL

Carlos Moura, NOVA FCSH

Domingos Tavares, FAUP

Fernando Catroga, UC

Guilherme de Oliveira Martins, FCG

João Guerreiro, FE-UAIg

José Custódio Vieira da Silva, NOVA FCSH

José Esteves Pereira, NOVA FCSH

Luís Reis Torgal, UC

Maria Calado, CNC

Paulo Ormino de Azevedo, UFBA

Pedro Ferré da Ponte, UAIG

Rafael Moreira, NOVA FCSH

Ramón Gutiérrez, CEDODAL

Vítor Serrão, ARTIS-FLUL

COMISSÃO CIENTÍFICA

Helder Carita, IHA NOVA FCSH / IN2PAST

Joana Cunha Leal, IHA NOVA FCSH / IN2PAST

João Vieira Caldas, CITUA, IST - UL

Jorge Correia, Lab2PT - UMinho / IN2PAST

José Pessôa, UFF

Leonor Ferrão, UE

Luís Filipe Oliveira, UAIG / IEM NOVA FCSH

Margarida Tavares da Conceição, IHA NOVA FCSH / IN2PAST

Maria de Lurdes Craveiro, CEAACP - FLUC / MNMC

Marta Oliveira, CEAU - FAUP

Miguel Soromenho, MNAA

Nuno Senos, IHA NOVA FCSH / IN2PAST

Raquel Henriques da Silva, IHA NOVA FCSH / IN2PAST

Renata Araujo, UAIG / CHAM NOVA FCSH

Rogério Vieira de Almeida, FAUL

Walter Rossa, DARQ / CHSC UC

COMISSÃO ORGANIZADORA

Andreia Fidalgo, UAIG / CIES-IUL

Margarida Tavares da Conceição, IHA NOVA FCSH / IN2PAST

Raquel Seixas, IHA NOVA FCSH / IN2PAST

Renata Araujo, UAIG / CHAM NOVA FCSH